

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Mércia Santana Mathias

**O SENTIDO DA ARTE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE OCUPAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar), CAMPUS DE
SOROCABA EM 2018**

Sorocaba

2022

Mércia Santana Mathias

**O SENTIDO DA ARTE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE OCUPAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar), CAMPUS DE
SOROCABA EM 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia
Orientação: Prof^a. Dr^a. Luciana Cristina
Salvatti Coutinho

Sorocaba
2022

Ficha catalográfica

Mathias, Mercia Santana

O sentido da arte no Movimento Estudantil de Ocupação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus de Sorocaba em 2018 / Mercia Santana Mathias -- 2023.
70f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Luciana Cristina Salvatti Coutinho

Banca Examinadora: Débora Dainez, Marcos Francisco Martins

Bibliografia

1. Movimento estudantil . 2. Ocupação. 3. Arte. I. Mathias, Mercia Santana. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MÉRCIA SANTANA MATHIAS

O SENTIDO DA ARTE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE OCUPAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar), CAMPUS DE SOROCABA EM 2018

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia em 06 de abril de 2023.

Orientador(a)

Prof^a. Dr^a Luciana Cristina Salvatti Coutinho
Universidade Federal de São Carlos

Examinador(a)

Prof^a Dr^a Débora Dainez
Universidade Federal de São Carlos

Examinador(a)

Prof^o Dr. Marcos Francisco Martins
Universidade Federal de São Carlos

Dedico esta produção a todos os estudantes da Universidade Federal de São Carlos no Estado de São Paulo. À juventude deste país, pela coragem e determinação de lutar de forma articulada contra as injustiças sociais e que, com sua arte, levam beleza, leveza, amizade e apoio de uma forma tão peculiar a qual não podemos ser indiferentes.

AGRADECIMENTO

Aos meus colegas da graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba, e a todos os meus professores e professoras pelo exemplo, para muito além das sábias palavras!

“Uma ideia torna-se uma força material quando ganha as massas organizadas”.

Karl Marx

RESUMO

MATHIAS, Mércia Santana. **O sentido da arte no Movimento Estudantil de Ocupação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus de Sorocaba em 2018.** 2022. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022.

A presente produção trata da investigação junto aos estudantes que participaram do movimento estudantil de ocupação da Universidade Federal de São Carlos – *Campus Sorocaba* no ano de 2018. O foco da investigação se concentra na análise da produção da agenda cultural criada pelo movimento de ocupação, averiguando sobre o sentido atribuído à arte pelos estudantes no contexto da ocupação. Por meio da elaboração do formulário com questões abertas e fechadas, os estudantes que participaram do movimento forneceram valiosas contribuições para o entendimento sobre o sentido da arte e sua atribuição. Era importante, pois, determinar se a escolha recaía sobre simples entretenimento, no sentido de ocupar o tempo útil dentro do *campus* ou se havia uma concepção mais específica. Sendo assim, buscou-se responder sobre qual a importância atribuída à arte no contexto de ocupação estudantil da UFSCar-So no ano de 2018? As respostas foram categorizadas e analisadas, utilizando-se de abordagens qualitativas e quantitativas, observando-se também suas conexões e atravessamentos. Para um melhor entendimento que conduzisse a uma análise mais detalhada, foi necessário elaborar alguns aprofundamentos de questões trazidas pelos estudantes, sendo esta a base do desenvolvimento das conjecturas nesta produção. Mediante a apropriação das análises das respostas apresentadas, chegou-se à percepção de que, de forma pouco consciente, os estudantes do movimento de ocupação deram um sentido catártico à arte, ou seja, a arte cumpriu com seu sentido primordial. A agenda cultural foi uma construção coletiva, dinâmica e articulada, contribuindo para a adesão, coesão e a visibilidade do movimento, tendo como coadjuvante a utilização das redes sociais.

Palavras-chave: movimento estudantil; ocupação; arte; Universidade Federal de São Carlos.

ABSTRACT

The present production deals with the investigation with the students who participated in the student occupation movement of the Federal University of São Carlos - Campus Sorocaba in the year 2018. The focus of the investigation focuses on the analysis of the production of the cultural agenda created by the occupation movement, investigating about the meaning attributed to art by students in the context of occupation. Through the elaboration of the form with open and closed questions, the students who participated in the movement provided valuable contributions to the understanding of the meaning of art and its attribution. It was important, therefore, to determine whether the choice was based on simple entertainment, in the sense of occupying useful time on campus, or whether there was a more specific concept. Therefore, we sought to answer what is the importance attributed to art in the context of student occupation at UFSCar-So in 2018? The answers were categorized and analyzed, using qualitative and quantitative approaches, also observing their connections and crossings. For a better understanding that would lead to a more detailed analysis, it was necessary to elaborate some deepening of questions brought by the students, being this the base of the development of the conjectures in this production. Through the appropriation of the analyzes of the presented answers, it was reached the perception that, in a little conscious way, the students of the occupation movement gave a cathartic sense to the art, that is, the art fulfilled its primordial sense. The cultural agenda was a collective, dynamic and articulated construction, contributing to the adhesion, cohesion and visibility of the movement, with the use of social networks as a supporting element.

Keywords: student movement; occupation; art; Federal University of São Carlos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Informe sobre a ocupação da Reitoria e prédios no Campus Sorocaba.....	34
Figura 2 – Atualização sobre a ocupação do Campus Sorocaba da UFSCar.....	35
Figura 3 – Ocupa PROACE.....	36
Figura 4 – Oficina de samba rock e forró.....	36
Figura 5 – Oficina de Mediação de Conflitos.....	37
Figura 6 – #OcupaPROACE.....	38
Figura 7 – UFSCar faz B.O. Sobre ocupação da reitoria: 'prejuízos financeiros e de funcionamento'.....	38
Figura 8 – CineOcupa.....	39
Figura 9 – Na Ocupa tem misturas: veganas e vegetarianas, além de carne.....	39
Figura 10 – Slackline.....	40
Figura 11 - Produção de cartazes, banner e faixas.....	42
Figura 12 – “Não somos apenas um número”	43
Figura 13 – Guernica.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade e gênero	27
Gráfico 2 – Renda principal	28
Gráfico 3 – Renda mensal familiar	29
Gráfico 4 – Mobilidade	29
Gráfico 5 – Comunicação e informação	30
Gráfico 6 – Moradia	31
Gráfico 7 – Período das aulas	32
Gráfico 8 – Refeições	33
Gráfico 9 – Atividades para além da graduação	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATLab - Aulas Teóricas e Laboratórios [Prédio de]

CoAd - Conselho de Administração [da UFSCar]

ConsUni - Conselho Universitário [da UFSCar]

MEO - Movimento Estudantil de Ocupação

PROACE – Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis

RU - Restaurante Universitário

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UFSCar-So - Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. SOBRE A NECESSIDADE DA ARTE.....	17
2.1 O PAPEL DA CULTURA NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO.....	19
2.2 E O QUE É CULTURA?	20
3. TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	26
3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	27
3.2 A RELAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES E O RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO.....	32
4. CAPTURAS DA REALIDADE.....	35
5. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DOS FORMULÁRIOS ELETRÔNICOS.....	46
5.1 GUERNICA DE PABLO PICASSO.....	47
5.2 SOBRE O SENTIDO DA ARTE NA VIDA DAS PESSOAS.....	49
5.3 SOBRE OS INTERESSES PARA ALÉM DA GRADUAÇÃO: BOURDIEU E O CAPITAL CULTURAL.....	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXO.....	62
APÊNDICE.....	65

1. INTRODUÇÃO

No segundo semestre do ano de 2018, estudantes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) do *campus* Sorocaba ocupam as dependências do prédio de aulas teóricas e laboratórios (ATLab), mais conhecido como “o prédio roxo”. O motivo da ocupação foi o recente anúncio da reitoria (Gestão 2016-2020) reajustando os preços do restaurante universitário (RU) em 220%! Com barricadas improvisadas com as cadeiras e mesas em frente à entrada principal dos prédios, os alunos se concentraram com cartazes e faixas, afirmando a impossibilidade de permanência de muitos estudantes, entre eles os indígenas, quilombolas, estrangeiros e outros que têm suas principais refeições do dia no RU do *campus* da universidade. Esta não é uma ação isolada, pois, gradativamente, envolve todos os *campi* no âmbito da UFSCar e passa a se designar de Movimento Estudantil de Ocupação (MEO). Na continuidade, o MEO, a partir da segunda semana de paralisação de aulas, passa a ocupar todos os prédios, inclusive os das aulas teóricas da Pós-Graduação, tendo suas entradas bloqueadas pelos estudantes.

Nesse contexto de ocupação, surge uma grade de programação cultural, com aulas públicas e atividades abertas ao público em geral. Essas ações são importantes e necessárias para os debates, novos conhecimentos e, também, informar a comunidade (e pais e familiares preocupados) sobre a dinâmica de atividades durante o período da ocupação. Enquanto isso, o diálogo entre o corpo discente e a então reitoria não avança, no sentido de participação democrática, tão bem anunciada no início da gestão da UFSCar (2016-2020). Os alunos que participaram desse movimento enfrentaram noites de baixas temperaturas, escassez de alimentos, cobertores, colchões e necessidade de mais alunos voluntários para os revezamentos, para que fosse possível criar um esquema em forma de rodízio, e todos pudessem descansar melhor em seus lares. Além disso, muitos estudantes ainda contavam com idas e vindas do trabalho ou estágio para o *campus*. Apesar do desconforto, os estudantes ainda se empenharam no uso útil do longo período de tempo, dentro das dependências dos prédios através do roteiro de atividades e nesse havia lugar para a arte. Pelas redes sociais, família, alunos, professores e técnicos administrativos acompanhavam todo o processo de ocupação. O que não impediu que, no *campus* de São Carlos, houvesse intervenção, através de

Digite texto]

solicitação de força policial por parte da reitoria, para a retomada dos espaços ocupados pelos estudantes.

A despeito da resistência da reitoria por um diálogo aberto, o MEO se consolida. Enquanto a paralisação das aulas se estende, comprometendo o calendário acadêmico. Nessa trajetória, novas providências para viabilizar atividades dentro do movimento entram na grade de programação cultural.

Diante desse cenário, evidencia-se o papel da arte nos movimentos estudantis, como tema de pesquisa. O problema de pesquisa pode ser assim apresentado: qual a importância atribuída à arte no contexto de ocupação estudantil da UFSCar-So no ano de 2018? Como a programação cultural influenciou na reflexão sobre o movimento de ocupação? Será que os alunos têm plena consciência do poder da arte, para a tomada de decisões de resistência e lutas, absolutamente necessárias para defender os interesses da coletividade desfavorecida?

O presente estudo se debruça sobre a grade da programação cultural durante o período de ocupação dos estudantes em 2018, para resgatar a memória de enfrentamentos e de engajamentos advindos de protagonistas jovens e o atributo da arte. Portanto, o objetivo se concentra na identificação do sentido atribuído à arte nesse contexto do MEO da UFSCar-Sorocaba na percepção dos estudantes participantes. Como pressupostos teórico-metodológicos, partimos da pesquisa bibliográfica atualizada sobre o tema para aprofundar os aportes teóricos da investigação e pesquisa de campo por meio de formulário eletrônico, alternativa encontrada devido à pandemia que se instaurou no Brasil a partir de 2020, persistiu em 2021 e ainda continua em 2022, sobretudo, nas reflexões de Ernest Fischer (1959) com sua obra intitulada, “A necessidade da arte”, além de nos referenciarmos nos princípios e entendimentos segundo Newton Duarte (2000; 2010; 2019) e Marilena Chauí (2006; 2016). Para compor um diálogo coerente com os demais autores, vale salientar que a arte, nessas circunstâncias, não será um conceito abstraído de determinações que buscam adjetivá-la, mas considerando-se a arte como parte da cultura e como expressão da subjetividade humana.

A presente produção encontra-se estruturada em quatro partes. No capítulo que se segue a essa introdução, e cujo título é “Sobre a necessidade da arte”, há a discussão sobre o papel da arte face à sua importância na vida

das pessoas, são reflexões que visam a despertar o leitor para as contradições, as quais não percebermos muito além do que um produto da engenhosidade humana. No terceiro capítulo, “O sentido atribuído à arte no movimento de ocupação da UFSCar em 2018”, estão contemplados os aspectos que norteiam a trajetória da pesquisa, tais quais: o processo teórico-metodológico, os participantes, a produção da agenda cultural do movimento de ocupação. O quarto capítulo, cujo título é “Sobre o sentido da arte no movimento de ocupação” se apresenta basicamente como análise dos dados obtidos, ou seja, os relatos dos participantes que foram coletadas através dos formulários eletrônicos. É, pois, a partir de uma reflexão direcionada a ampliar o debate sobre a intencionalidade de promover, no contexto do MEO, uma agenda cultural.

2. SOBRE A NECESSIDADE DA ARTE

É notório que a Mitologia faz parte da construção histórica de qualquer civilização. Esta necessidade de atribuir sentimentos e comportamentos tipicamente humanos a seres imaginários como, por exemplo, os deuses e heróis, denomina-se antropomorfia. Cotrim (2012, p. 18) expõe que:

[...] a mitologia é, assim, criada espontaneamente pelo povo, como modo específico de apreender seu mundo natural e social. Nela, as forças da natureza e relações sociais são plasmadas na imaginação popular, de modo que se trata de uma apreensão espontaneamente imaginativa do mundo.

Portanto, quando a questão é mais aprofundada, percebemos que desde tempos imemoriais a arte é constituída como uma necessidade inerentemente humana. É nesse sentido que Ernest Fischer (1959, p. 12) conduz sua reflexão sobre a prática habitual das pessoas em considerar um ato *comum* algo que na verdade se trata de um fenômeno *surpreendente*:

[...] milhões de pessoas lêem livros, ouvem música, vão ao teatro e ao cinema. Por quê? Dizer que procuram distração, divertimento, relaxamento, é não resolver o problema [...] que estranho, misterioso divertimento é esse? E, se alguém nos responde que almejamos escapar de uma existência insatisfatória para uma existência mais rica através de uma experiência sem riscos, então uma nova pergunta se apresenta: por que nossa própria existência não nos basta?

Sendo assim, a arte é esta “alguma coisa” que mesmo sendo exterior ao homem, não deixa de ser essencial. Aponta o autor que:

O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela ciência e pela tecnologia o seu ‘eu’ curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu ‘eu’ limitado com uma existência humana coletiva e por tornar *social* a sua individualidade. (FISCHER, 1959, p. 13).

O homem, então, não é um ser todo pleno em si mesmo, e dada essa condição, “[...] a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para associação, para circulação

de experiências e ideias”. A arte através da representação do real tem o poder de lançar o ser humano no estado de distanciamento necessário para “[...] liberta-se na arte do esmagamento em que se acha sob o cotidiano?”. É considerando esta dualidade “[...] a absorção da realidade e, de outro, a excitação de controlá-la” que o autor inicia uma nova reflexão: o processo de trabalho do artista (a função do artista). Para esse autor, o trabalho para um artista é “[...] um processo altamente consciente e racional, um processo ao fim do qual resulta a obra de arte como realidade dominada, e não de modo algum – um estado de inspiração embriagante” (FISCHER, 1959, p. 14). A emoção para um artista não é tudo, pondera, são necessários os meios de domínios da natureza para transformá-la em forma de arte. A arte deriva-se da tensão (experiência da realidade) e a contradição (tomar forma objetiva), esta é a relação dialética inerente à arte. O “livre resultado do trabalho artístico resulta da mestria” da lide deste processo.

Para a nossa realidade, é necessário contrapor os princípios entre Aristóteles e Bertolt Brechet, trazendo a discussão sobre a função da arte compreendida no contexto da sociedade dividida por lutas de classes. A realidade precisa ser representada através da arte, com o intuito de manifestar os “mecanismos de aprisionamento” revelando nos personagens o estado de “alienação¹”. Mas, por outro ângulo, a obra de arte pode ser requerida pela estética da classe dominante, “[...] criando, assim, enquanto a peça vai sendo encenada, uma coletividade ‘universalmente humana’ e não dividida em classes” (FISCHER, 1959, p. 16).

A arte como captura de uma realidade social tem o poder de se sobrepor a dado momento histórico e exercer um fascínio permanente. Mas a arte ainda

1 Alienação: o surgimento da alienação, segundo a teoria marxiana, se dá através do processo de produção material da vida, que foi construída ao longo da história da sociedade. Para Marx, a alienação seria uma condição onde o trabalho torna-se para o indivíduo um instrumento de escravização, perdendo sua condição de humano em sua relação com o trabalho. Por sua vez, a alienação da sociedade origina-se a partir do momento que alguns indivíduos ou grupos se apropriam dos meios de produção fundamentais: a terra, os instrumentos de trabalho, os prédios, galpões, o capital etc., onde ocorre a perda a posse dos meios de produção por parte dos trabalhadores, e sucessivamente a exploração e dominação dos mesmos. Neste momento surgem duas classes antagônicas, a classe dos proprietários privados dos meios de produção e o não proprietários, forçando por isso estes últimos ao trabalho forçado ou por necessidade para os proprietários em troca de um salário ou seus bens de subsistência (ARAGÃO, 2016, p. 9). Para Marx (2010, p. 81) o que caracteriza o fetichismo, ou seja, “uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”.

tem o poder de superar esta limitação criando o “momento de humanidade” que não deve ser declinado da importância do processo de continuidade e descontinuidade perenes em meio às lutas de classes.

É no mundo real que a arte se funde em forma de *magia primitiva* para viabilizar o domínio de um mundo ainda inexplorado. É no processo de crescimento e complexidade da sociedade, que a arte acompanha os estágios de desenvolvimento.

2.1 O PAPEL DA CULTURA NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

O processo de humanização tem como principal foco resgatar valores básicos coerentes com o respeito à dignidade humana, com base no diálogo e na reflexão crítica. Para alcançar tais objetivos é necessário o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sendo que a apropriação da cultura provoca a superação das limitações postas pelo desenvolvimento biológico. Para Leontiev (1978, p. 70), o trabalho, em seu devir social, a partir da construção de artefatos e instrumentos, estaria na centralidade do processo de humanização. O autor afirma que “[...] o aparecimento e o desenvolvimento do trabalho, condição primeira e fundamental da existência do homem, acarretaram a transformação e a humanização do cérebro, dos órgãos de atividade externa e dos órgãos do sentido”. Corroborando com o que expõe Leontiev, para Vigostky (1996, p. 85) a “[...] cada etapa determinada do domínio das forças da natureza, corresponde sempre uma determinada etapa do domínio da conduta, na subordinação dos processos psíquicos ao poder do homem”. Sendo assim, a retomada do primado entre o cultural e o biológico, sugere a capacidade do desenvolvimento psicológico. Tal qual a linguagem, a arte funciona como atividade humana na forma de signo e instrumento para a mediação dos processos psíquicos mais complexos entre o cultural e o biológico.

A cultura sensibiliza o ser humano para a responsabilidade histórica a qual pertence. Markus (1976, p. 52), neste percurso em relação à responsabilidade histórica, faz uma importante reflexão:

[...] já se encontra objetivadas aquelas necessidades e capacidades que se manifestaram no passado, podendo assim

dispor materialmente dos resultados de todo o desenvolvimento social que lhe antecedeu, tão-somente por isso torna-se possível que o processo de desenvolvimento não se veja obrigado a recomeçar sempre do início, mas possa partir do ponto em que se deteve a atividade das gerações anteriores. Apenas o trabalho, enquanto objetivação da essência humana, configura de modo geral a possibilidade da *história*.

Para Freire (1999, p. 100), “[...] o sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, ideológica, que nos estão condenando à desumanização”. Portanto, quanto mais profundo a experiência em relação à apropriação cultural, mais expressiva é a subjetividade humana, pois neste processo de humanização faz-se necessário a interlocução com o *Outro*, atribuindo à realidade existencial outras significações, através de uma nova ordem simbólica (CHAUÍ, 2006, p. 114). Sendo assim, objetivamente:

[...] um primeiro exemplo nesse sentido seria o da mudança de concepção de mundo, quando os indivíduos passam a considerar o ser humano como artífice da própria humanidade e, portanto, da própria desumanidade, no processo histórico de permanente produção e reprodução da realidade social (DUARTE, 2019, p. 23).

Decididamente, na centralidade das discussões de que a humanização é um processo consciente (DUARTE, 2016; CHAUÍ, 2006), a apropriação cultural envolve, portanto, certo modo de ser e estar no mundo, que se modifica a partir da ação humana que produz e reproduz cultura, como produto em movimento constante, que é histórico, é social, e por isso mesmo, é humano.

2.2 E O QUE É CULTURA?

O conceito do termo Cultura torna-se imprescindível para entender e de certa dar contorno mais específico para entendermos sobre a arte. Cultura de acordo com o dicionário etimológico², provem do latim *culturae*, que significa “ação de tratar”, “cultivar” ou “cultivar a mente e os conhecimentos”. Originalmente, a palavra *culturae* ganhou sentido a partir de outro termo latino:

² Disponível em: < <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>>. Acessado em 16 de jul. de 2021.

colere, que quer dizer “cultivar as plantas” ou “ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas”. Com o passar do tempo, foi feita uma analogia entre o cuidado na construção e tratamento do plantio, com o desenvolvimento das capacidades intelectuais e educacionais das pessoas. Dentre os estudiosos do assunto, há poucas variações ao abordar etimologicamente o termo cultura.

Marcuse (1997, p. 103) expõe que “[...] a cultura não se refere tanto a um mundo melhor, porém mais nobre: um mundo que não resultaria de uma transformação da ordem material da vida, mas mediante um acontecimento na alma do indivíduo”. Esta concepção sobre cultura se distingue em relação às demais, pois nega o princípio da materialidade e, portanto, reveste-se de sentidos mais subjetivos ao ser humano.

Contudo, o termo ganha outros sentidos a depender da área do conhecimento humano, passando a expandir os contornos sobre o conceito. Por exemplo, na área da psicologia, o termo cultura, notadamente, é o mais distinto, pois, é considerada como o conjunto das habilidades que construímos para além das atitudes geneticamente determinadas. Na área educacional, Thompson (1998), Claval (2001) e Brandão (2002) se destacam ao entenderem a educação como indispensável para mediar a devida apropriação cultural dos indivíduos:

Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e recriamos como os objetos e os utensílios da vida social, representa uma das múltiplas dimensões daquilo que [...] chamamos de: cultura [...]. A cultura não é exterior a nós, a diferença é que o mundo da natureza nos antecede enquanto o mundo da cultura necessita de nós para ser recriado (BRANDÃO, 2002. p. 22).

Também existem construções sobre a terminologia cultura que se aproximam do sentido de conjunto de saberes da coletividade, no sentido de *costumes*, que são apropriações como herança entre as gerações (THOMPSON, 1998, p. 17). Dada uma perspectiva mais antropológica, vemos que para alguns autores como Claval (2001) e Laraia (2009), a cultura faz parte do teor de acumulação que pode determinar, para mais ou para menos, a capacidade criativa e a esfera comportamental dos indivíduos.

Acerca da temática sobre cultura, observamos que Pino (2005, p. 89) nos apresenta algumas semelhanças aos demais autores; porém, se destaca

ao associar o termo à concepção de produção humana, material ou mental ao expor que:

Do ponto de vista etimológico, a palavra cultura é uma transposição ao português do termo latino cultura, substantivo derivado do verbo *colere*, cuja significação “trabalhar a terra” nos remete ao campo da produção humana. Por extensão, o termo remete ao método de fazer crescer microorganismos em ambientes apropriado (cultura bacteriológica). G. Jahoda (1992) lembra que, na Antiguidade latina e durante muitos séculos depois, o termo cultura estava ligado também à ideia de desenvolvimento de certas faculdades do espírito, como na expressão cultura mentis (cultivo da mente) usada por Cícero para referir-se, de forma figurada, à filosofia. Na tradição grega existem dois termos diferentes para significar essas duas coisas: o de georgia, para significar o trabalho da lavoura, e o de mathema, para significar o conhecimento. De qualquer maneira, estes dois termos conduzem também à ideia de produção humana, material ou mental. Trata-se de uma ideia que merece ser retida [...].

Contudo, existem consensos entre os vários estudiosos e de acordo com as várias áreas do conhecimento humano sobre o termo cultura? E sobre a arte no âmbito da cultura e da educação? Sim. O que podemos verificar como comum é a capacidade da cultura de inserir o indivíduo no plano social; reconhecidamente de que é um processo histórico; outro consenso diz respeito ao reconhecimento de diversas culturas, tão peculiares quanto diversificadas; e por último a importância da *Tradição Oral* para a aquisição e perpetuação da cultura. Obviamente, na atualidade, os processos educacionais e comunicacionais desempenham um importante papel na difusão da cultura, pois podem superar a forma inicial da Tradição Oral. Contudo, decididamente, o papel da arte como forma de cultura, trata de delimitar a expressividade da subjetividade humana, individual ou coletivamente. Faria e Pitano (2011, p. 294), sobre esta questão, expõem que:

[...] é na educação que a comunicação passa a ser mais efetiva. Primeiramente nos ensinamentos vindos dos pais, posteriormente na escola, onde se deveria construir juntamente, educando e educador os saberes, a partir dos saberes conhecidos através dos ensinamentos passados e dos saberes escolares. Mas nem sempre é assim, por vezes, a escola inibe a construção de conhecimento, criando barreiras e não se tornando ferramenta para a conscientização dos indivíduos.

O termo cultura, precisamente, está imbricado com o sentido de representações da coletividade, em dado contexto histórico e social. Trazendo a temática sobre cultura para o contexto brasileiro, temos na figura do educador Paulo Freire, uma das mais expressivas contribuições para compreendermos melhor sobre cultura, especificamente sobre o seu processo de democratização. A trajetória da pesquisa aponta que há uma relação dinâmica entre a consciência política e o acesso aos bens culturais e sua devida apropriação.

Portanto, nada mais justo do que tentar compreender como a questão da democratização da cultura conduz ao engajamento político que, por sua vez, leva ao ativismo solidário. Sim, solidário porque o movimento de ocupação foi uma causa que os estudantes que não utilizavam o RU abraçaram com iniciativas e articulações, como uma totalidade que se integra e realiza.

O cenário no qual Paulo Freire (*1921†1997) inicia o auge de sua trajetória como educador parecia promissor até que em 1964, com o Golpe Militar, Paulo Freire busca exílio político no Chile. É nesse contexto que ele escreve o ensaio: “Educação como prática da liberdade”, publicado em 1967.

Dentre a sua imensa bibliografia, “Educação como prática da liberdade” explicita sobre a herança deixada pelo longo período de exploração predatória, que nos forneceu as bases para uma economia e organização social sem estrutura democrática e sem a participação popular. Pelo histórico de exploração não formamos uma civilização pautada por princípios democráticos, mas para práticas autoritárias, sem o diálogo como mediador dos interesses populares. Sempre coerente com sua conduta em relação aos seus princípios, Freire (1967, p. 102) afirma que:

Experimentáramos métodos, técnicas, processos de comunicação. Superamos procedimentos. Nunca, porém, abandonamos a convicção que sempre tivemos, de que só nas bases populares e com elas, poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas. Daí, jamais admitimos que a democratização da cultura fosse a sua vulgarização, ou por outro lado, a doação ao povo, do que formulássemos nós mesmos, em nossa biblioteca e que a ele entregássemos como prescrições a serem seguidas.

A questão da gestão pública da cultura no Brasil é tema amplamente discutido na literatura acadêmica. Como vimos anteriormente, Paulo Freire, no ensaio “Educação como prática para a liberdade” (1967), explicita do ponto de vista de quem viveu o momento histórico, os fatos que antecederam o Golpe Militar de 1964. Como resultado destas experiências, são abordados os primórdios da formação da política nacional e a marcante inexperiência democrática do povo brasileiro. Portanto, a questão da gestão pública da cultura brasileira também é fruto desta inexperiência democrática, fruto das características próprias de exploração predatória ao longo dos tempos. Para Chauí (2016, p. 54), “[...] numa perspectiva democrática, as prioridades são claras: trata-se de garantir direitos existentes, criar novos direitos e desmontar privilégios”.

Em relação às questões sobre a gestão democrática da cultura, salientamos que não se trata das abordagens tão comuns de programas de atividades e serviços culturais, entendida como *Bem Cultural* a partir da Primeira Guerra Mundial, sob a legislação da Convenção Haia (1907):

Artigo 1.º Definição de bens culturais. Para fins da presente Convenção são considerados como bens culturais, qualquer que seja a sua origem ou o seu proprietário: a) Os bens, móveis ou imóveis, que apresentem uma grande importância para o patrimônio cultural dos povos, tais como os monumentos de arquitetura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, ou sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que apresentem um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os manuscritos, livros e outros objetos de interesse artístico, histórico ou arqueológico, assim como as coleções científicas e as importantes coleções de livros, de arquivos ou de reprodução dos bens acima definidos; b) Os edifícios cujo objetivo principal e efetivo seja de conservar ou de expor os bens culturais móveis definidos na alínea (a), como são os museus, as grandes bibliotecas, os depósitos de arquivos e ainda os refúgios destinados a abrigar os bens culturais móveis definidos na alínea (a) em caso de conflito armado; c) Os centros que compreendam um número considerável de bens culturais que são definidos nas alíneas (a) e (b), os chamados “centros monumentais” (ICRC, 2021, tradução nossa).

Portanto, para além de programas e atividades no sentido cultural em “Belas Artes”, há a necessidade de efetivação de política cultural e da cultura política, no sentido explicitado por Chauí (2016), distanciando-se das três

alternâncias ideológicas mais marcantes: a da cultura oficial produzida pelo Estado, a populista e a neoliberal. Devido à relevância destes conceitos para a presente produção, torna-se imprescindível abordá-los mais detalhadamente, conforme a obra de Chauí (2008). **Cultura Oficial:** o Estado se apresenta como produtor de cultura, conferindo a ela (a cultura) generalidade nacional ao retirando das classes sociais antagônicas o lugar onde a cultura efetivamente se realiza. **Cultural Populista:** aquela que pretende trazer a “consciência correta” ao povo para que a cultura popular se torne revolucionária (na perspectiva das vanguardas de esquerdas) ou se torne sustentáculo do Estado (na perspectiva dos populismos d direita). **Cultura Neoliberal:** Aquela que não reconhece a cultura como direito natural. Abandona deliberadamente a garantia dos direitos, transformando-os em serviços vendidos e comprados no mercado e, portanto, em privilégios de classe.

Também há o caráter de descontinuidades nas elaborações políticas da cultura, que geram o caos de descontinuidades e, como é possível prever, em relação à gestão pública da cultura estamos sempre partindo do marco zero. Para alcançar e legitimar a gestão pública da cultura é imprescindível a gestão social para estimular efetivamente a participação cívica da população.

3. TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

O foco central para a organização deste capítulo advém da necessidade de evidenciar, com maior rigor, se os relatos e demais aspectos elencados pelos estudantes apontam para alguma das inquietações relativas à questão inicial da pesquisa. Portanto, buscou-se a apropriação de conjecturas que dessem um formato mais elaborado, mais definido, fazendo emergir o sentido pelo qual os coordenadores do MEO da UFSCar – Sorocaba, propusessem uma agenda cultural para o movimento. Em outras palavras, averiguar o sentido atribuído à arte no movimento de ocupação da UFSCAR-Sorocaba, no contexto de lutas pelo direito às condições favoráveis para a permanência na universidade. A arte especificamente no contexto da presente produção, é considerada a partir do entendimento da Cultura, ou seja, como uma das formas que peculiares de manifestação da subjetividade humana, quando compartilhada de forma coletiva.

A trajetória da pesquisa se iniciou a partir do Projeto de Pesquisa que foi apresentado na disciplina obrigatória de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC I). Como foi muito difícil encontrar presencialmente com os estudantes que deram ímpeto ao processo de ocupação no *campus* de Sorocaba, tornou-se imprescindível mudar a técnica de coleta de dados, passando de entrevista semiestruturada para formulário com questões abertas e fechadas. A divulgação foi realizada pelos meios midiáticos, redes sociais, grupos de *Whatsapp* dos diversos cursos de licenciaturas e alguns dos meus contatos pessoais.

Vale salientar que, em visitas ao *campus* durante a ocupação, fui definindo lentamente o que gostaria de questionar, e foi assim que entrei em contato com os estudantes dos grupos que faziam a ocupação pelo turno da manhã, sendo muitos destas pessoas meus colegas do curso de Pedagogia. Havia solicitações de que os colegas levassem lanches, café, o que pudesse contribuir e levar até o *campus*, na medida do possível fui atendendo às solicitações na parte da alimentação dos que estavam na ocupação.

O formulário estava dividido em duas partes. A primeira parte abordava a trajetória pessoal, acadêmica e socioeconômica dos respondentes; a segunda parte, com questões abertas, versava sobre a participação no

Movimento Estudantil de Ocupação do *campus* de Sorocaba, estado São Paulo.

As respostas foram agrupadas em eixos temáticos por categorias, a saber: eixo 1 – Sobre o sentido da arte (subitem 5.1); eixo 2 – Sobre os interesses para além da Graduação (subitem 5.2); eixo 3 – Mas afinal o que é Cultura? A arte se insere no contexto de Cultura, como uma de suas formas, ou seja, a Cultura entendida como uma totalidade e, a arte como parte constituinte dessa totalidade. Portanto, a arte é uma forma de Cultura, mas não é toda Cultura que é arte (subitem 5.3). Visou a obtenção de respostas para a questão central da pesquisa: qual a importância atribuída à arte no contexto de ocupação estudantil da UFSCar-So no ano de 2018?

3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

O formulário foi inicialmente distribuído entre todos os estudantes que participaram do MEO do *campus* de Sorocaba, independentemente do curso. Para efeito de levantamento dos dados para esta pesquisa, nove formulários foram devolvidos respondidos em sua íntegra, quatro foram respondidos parcialmente e um foi excluído, pois continha as mesmas respostas de outro formulário. As diretrizes para os respondentes foram claras em relação à natureza individual e também quanto ao sigilo dos dados informados.

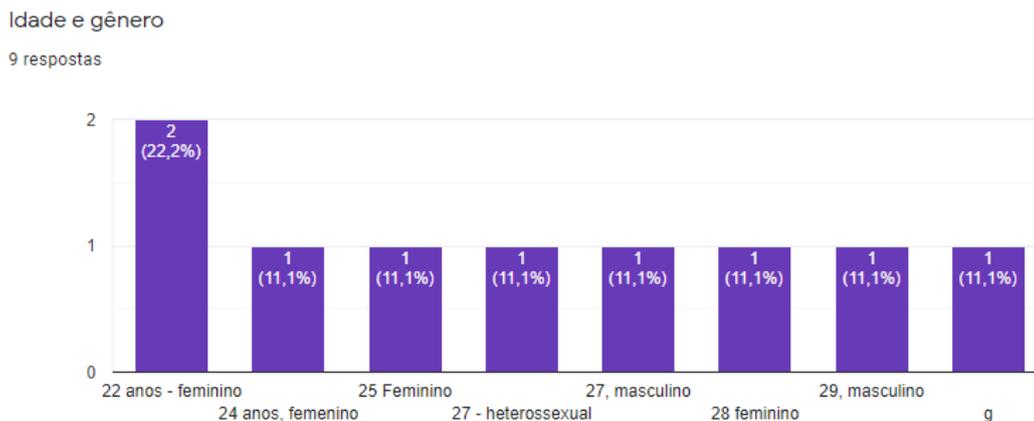
Em relação à primeira parte do formulário, constavam dez questões objetivas, cujo retorno foi bastante proveitoso, considerando-se as especificidades já elencadas acima. As respostas apontam para um perfil político articulado e coerente, e cujo engajamento em torno das questões relativas ao direito de reivindicações dentro da instituição é bastante contundente. Outro aspecto muito distinto diz respeito à utilização das mídias sociais e a articulação entre todos os *campi* da Universidade. Os estudantes ainda mantêm a página no *Facebook*³ com os principais registros dos momentos mais marcantes, que de certa forma deixa o exemplo para a posteridade.

Na análise dos dados pessoais dos estudantes que retornaram o formulário, cinco se declaram do gênero feminino, três masculinos e uma

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupaufscar/>>.

pessoa não se definiu dentro das opções existentes ou esqueceu de informar. Contudo, o que mais chamou a atenção é a faixa etária dos estudantes entre 22 e 29 anos de idade, conforme mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Idade e gênero

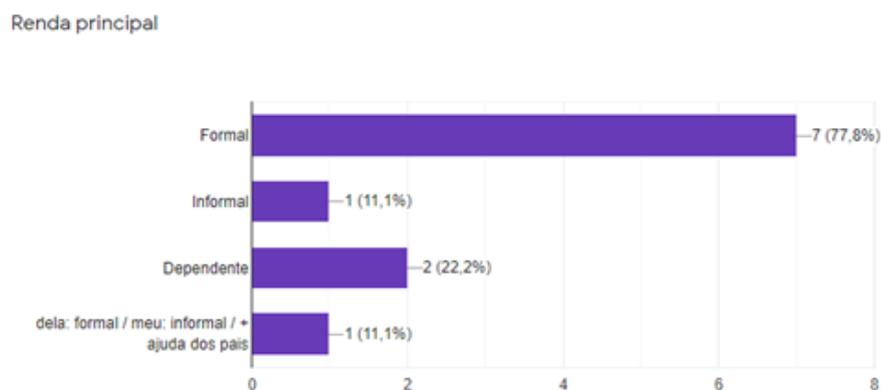


Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

Como aponta o Gráfico 1, no conjunto dos respondentes do formulário, em sua maioria se concentra entre jovens estudantes que já pertencem a fase adulta. Também foi possível verificar que todos os respondentes, em se tratando do estado civil, se declaram solteiros (as) e sem filhos. Estes dados apresentados talvez expliquem a disponibilidade de permanência nas dependências do *campus* de Sorocaba para o pernoite. Também é bastante significativo o papel de protagonismo feminino entre os participantes do movimento de ocupação.

Os dados socioeconômicos partem da premissa de que a realidade é bem mais complexa do que se apresenta e, por este motivo, os dados obtidos dos formulários foram confrontados com a síntese dos indicadores sociais brasileiros (IBGE, 2019). O Gráfico 2 que se segue apresenta os dados relativos à fonte de renda dos estudantes.

Gráfico 2 – Renda principal



Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

O gráfico acima sugere que a maioria dos estudantes (77,8%) possui renda formal. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a síntese dos indicadores sociais apontava que, entre 2018 e 2019, quatro em cada dez trabalhadores ocupados estavam na informalidade e que:

A informalidade no mercado de trabalho brasileiro, de caráter estrutural, atingia 41,6% dos trabalhadores do país em 2019, ou 39,3 milhões de pessoas. Este indicador se manteve estável em relação a 2018. A proporção era maior na região Norte (61,6%) e menor na Sul (29,1%) (IBGE, 2019).

O gráfico a seguinte complementa informações desse, ao tratar do valor mensal da renda familiar dos respondentes. Foi apurado que 4,4% possuem renda de até três salários mínimos, para 3,3% dos estudantes a renda é superior a seis salários e 2,2% com renda entre três e seis salários mínimos

Gráfico 3 – Renda mensal familiar

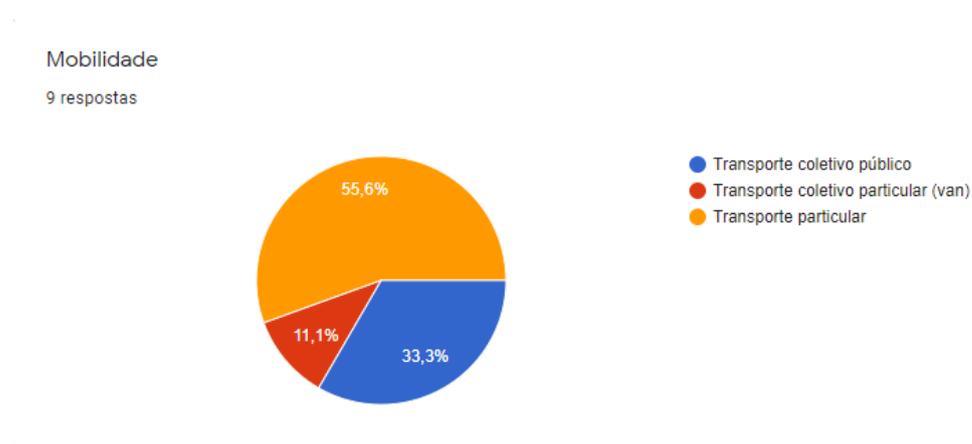


Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

Em relação à renda mensal familiar dos estudantes, apenas uma pessoa apontou que, além da renda que possui, também recebe ajuda financeira dos pais. O percentual de 3,3% dos estudantes possui renda familiar superior a seis salários mínimos. A soma dos que declararam até três salários mínimos corresponde a 4,4%. Observando os indicadores acima descritos, é compreensível a relevância do engajamento dos estudantes pela luta não somente ao acesso às universidades públicas, como também a luta por condições de permanência.

O dado sobre a mobilidade é também fator de impacto para determinações que indicam o perfil dos estudantes participantes do movimento estudantil de ocupação.

Gráfico 4 - Mobilidade

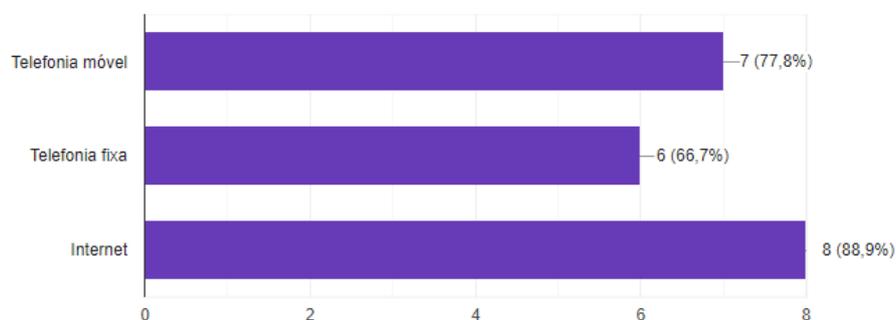


Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

Os dados apresentados pelo gráfico acima sugerem que apenas 11,1% dos estudantes entrevistados fazem uso do transporte público coletivo. Em relação ao acesso aos meios de comunicação e informação, as informações que obtivemos apontam para o uso da internet e telefonia móvel, o que foi fator de impacto para o sucesso do movimento.

Gráfico 5 – Comunicação e informação

Comunicação



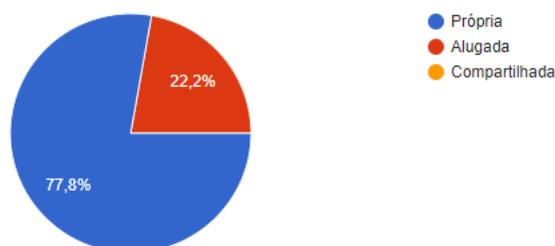
Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

Os dados também sugerem que, em relação à comunicação e meios de informação, os estudantes acompanharam cada fase das negociações, as reuniões com os representantes da reitoria, e pelos mesmos meios articulavam os próximos passos, de acordo com cada demanda.

Outro fator de impacto apontado nos indicadores socioeconômicos tem relação com a moradia dos estudantes. Sendo que 77,8% declaram moradia própria, e 22,2% alugada e nenhum estudante apontou para a alternativa de moradia compartilhada.

Gráfico 6 - Moradia

Moradia



Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

Em síntese, o perfil socioeconômico dos entrevistados aponta para a relativa estabilidade no que diz respeito às despesas com moradia, sendo este

Digite texto]

também fator de impacto para avaliar as condições socioeconômicas dos estudantes, visando estabelecer parâmetros em relação à média nacional.

3.2 A RELAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES E O RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO

O Restaurante Universitário (RU) não é apenas o espaço para as refeições. O RU também é o ponto de encontro dos estudantes. Não importa o momento exato em que sairemos da sala de aula, todos se encontram no RU, e os aspectos da cotidianidade são relatados e compartilhados entre os alunos. Obviamente que se formam *ilhas* de alunos de acordo com o curso, mas formam-se *ilhas* também dos servidores técnico-administrativos, dos professores com seus orientandos, o grupo dos atletas (Atlética) e os vários Coletivos⁴ da UFSCar, por exemplo.

O RU fornece a preço acessível duas refeições: o almoço e a janta, com opção de cardápio para vegetarianos e veganos. Vale salientar, que dentro do *campus* e no entorno não existe opção de restaurantes. Isso se deve, principalmente, por ser relativamente novo o *campus* de Sorocaba.

Outro aspecto muito importante a ser lembrado é sobre o funcionamento dos cursos em horário integral, o que significa que os estudantes passam toda a manhã e tarde cumprindo os horários de oferta das disciplinas curriculares, o horário de almoço é aquela pausa necessária entre um turno e outro. Por outro lado, os estudantes dos cursos que funcionam no turno noturno precisam chegar antes das 19h00 para terem acesso ao RU e assim poderem jantar, antes de irem para a sala de aula. Como muitos estudantes no turno noturno trabalham durante o contraturno do período de aulas, o momento da janta no RU marca o final do período laboral e início das atividades acadêmicas.

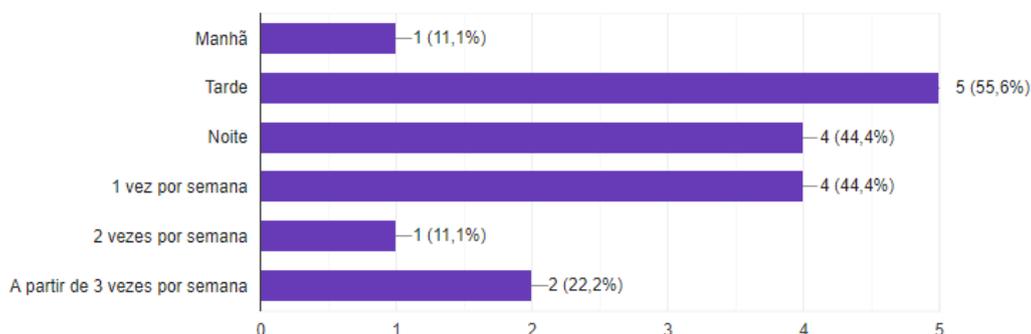
O Gráfico a seguir traz dados relativos aos períodos das aulas:

⁴ Coletivos UFSCar: ver no site www.cheguei.ufscar.br (você encontrará uma lista de coletivos estudantis)

Gráfico 7 – Período das aulas

Período de permanência na Universidade para o cumprimento de atividades extracurriculares (frequência à biblioteca, laboratórios, encontros e reuniões dos coletivos).

9 respostas



Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

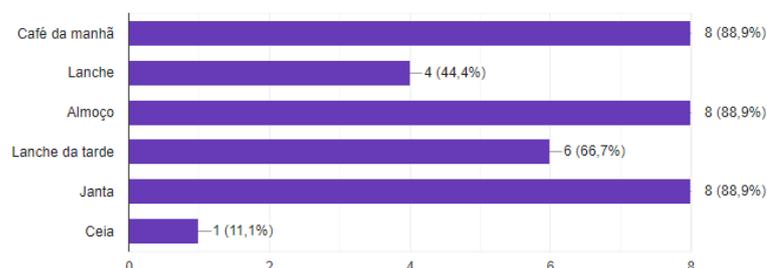
O Gráfico 7 nos mostra que o turno de menor frequência dos estudantes que responderam ao formulário é o matutino. Os cursos de graduação da UFSCar-So funcionam em período integral (manhã e tarde) e noturno. No total são ministrados doze cursos, sendo sete bacharelados e cinco licenciaturas. Os cursos de licenciaturas são ofertados apenas no turno noturno e concentra a maioria dos estudantes trabalhadores.

O *campus* de Sorocaba conta também com laboratórios equipados para as aulas práticas e laboratórios de informática, dois auditórios, biblioteca comunitária, cantina e áreas de convivências. Portanto, a movimentação de pessoas é constante pelas áreas externas e nas dependências do *campus*.

O Gráfico 8, abaixo, nos apresenta os dados relativos às refeições dos respondentes do formulário.

Gráfico 8 - Refeições

Principais refeições diárias



Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

Podemos notar que o café da manhã, almoço e janta são as principais refeições de oito estudantes no total de nove que responderam as questões. Em segundo lugar, contam os lanches entre o café da manhã e o almoço e entre almoço e janta. Apenas uma acenou para a ceia, como última refeição. Com isso, constatamos que a baixa frequência no turno matutino, pelo que indica, não apresenta impacto significativo pela não oferta no RU da primeira refeição do dia (café da manhã/desjejum).

Na trajetória teórico-metodológica da pesquisa, buscou-se compreender os sujeitos da pesquisa como um ser histórico e social, para além do contexto acadêmico. Ao tecer estas relações entre a vida acadêmica e a cotidianidade dos estudantes, verificou-se que o engajamento por condições favoráveis de permanência na universidade pública resulta de um nível de consciência crítica, face à garantia de direitos dos estudantes. É nessa mesma direção que os flagrantemente da vida real conduz ao entendimento de que o sucesso do MEO se deve à compreensão e colaboração mútua no sentido de não ceder, mesmo diante de condições desfavoráveis em relação ao conforto e bem-estar. No próximo capítulo, apresentamos alguns registros memoráveis do cotidiano dos estudantes enquanto grupo de convivência nos *campi* de São Carlos e Sorocaba, no contexto do movimento de ocupação.

4. CAPTURAS DA REALIDADE

O primeiro impacto do Movimento de Ocupação ocorreu com a nota da reitoria, na qual não divulgava o motivo da ocupação, a despeito dos vários cartazes e faixas colocadas pelos estudantes. É nesse contexto que a Secretaria de Comunicação da Reitoria avalia a necessidade do diálogo para a “compreensão das reivindicações”:

Figura 1 – Informe sobre a ocupação da Reitoria e prédios no Campus Sorocaba.

Informe Sobre Ocupação da Reitoria e de Prédios no Campus Sorocaba



Foto: G1 São Carlos e Região

Ocupação da reitoria – Campus São Carlos
O prédio da reitoria foi ocupado por um grupo de cerca de 30 manifestantes, na tarde do dia 9/5/2018. Estes pernoveram no prédio da reitoria, e na manhã do dia 10/5/2018 não permitiram a entrada da reitoria, do vice-reitor, e dos demais funcionários. Ao longo da manhã do dia 10/5/2018 a reitoria e diversos membros da gestão da UFSCar solicitaram aos manifestantes a desocupação do prédio, para que os funcionários pudessem trabalhar, e também para que pudesse ocorrer um diálogo entre reitoria e manifestantes, visando melhor compreensão de suas reivindicações. Mas, infelizmente, o prédio não foi

desocupado.

Fonte: DIÁRIO da Reitoria UFSCar. **Informe sobre a ocupação da Reitoria e prédios no Campus Sorocaba.** [Foto de G1 São Carlos e Região]. 2018. Disponível em: <https://www.diariodareitoria.ufscar.br/?p=6270>. Acesso em: 22 set. 2021.

Outra nota divulgada pela reitoria não considera a extensão total do Movimento de Ocupação, pois anuncia a desocupação de parte dos prédios, quando na verdade estes já estavam interditados.

Figura 2 – Atualização sobre a ocupação do Campus Sorocaba da UFSCar.

Atualização sobre a ocupação do Campus Sorocaba da UFSCar



Apenas os prédios AT2 e ATLab e a administração central continuam ocupados. Foto: Banco de Imagens

Desde a ocupação das instalações do Campus, ocorrida no dia 8 de maio, representantes da gestão no Campus Sorocaba realizaram 6 reuniões com os manifestantes. Também foi realizada vídeo conferência com a Reitora Wanda Hoffmann, na sexta-feira dia 11. Na terça feira 15/5/2018 o reitor em exercício Walter

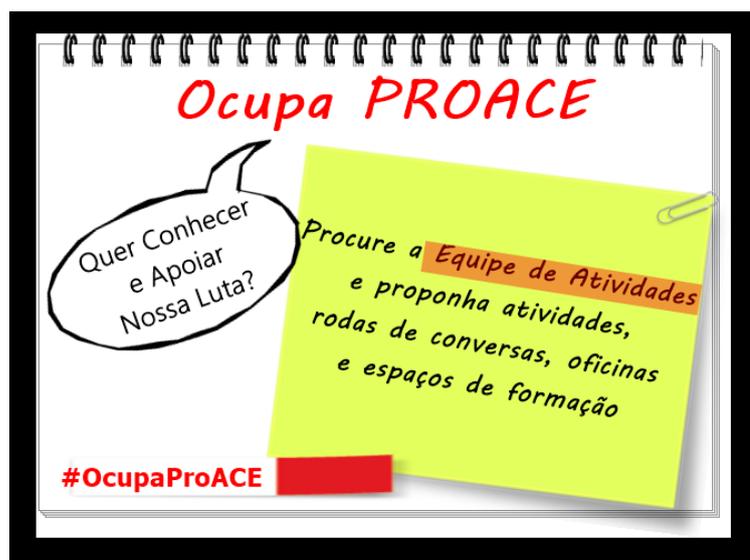
Libardi esteve em Sorocaba, e encontrou-se com os estudantes. Após a reunião com o reitor em exercício, foi realizada assembleia no campus Sorocaba, que deliberou pela desocupação de parte dos prédios. Permanecem ocupados os prédios de aula (AT2 e ATLab) e a administração central.

Fonte: DIÁRIO da Reitoria UFSCar. **Atualização sobre a ocupação do Campus Sorocaba da UFSCar**. 2018. Disponível em: <https://www.diariodareitoria.ufscar.br/?p=6278>. Acesso em: 08 ago. 2021

Diante do não entendimento entre o MEO e a Reitoria, a ocupação se estende, bem como a programação de atividades começa a se intensificar, incluindo atividades culturais.

O que podemos observar é que a agenda cultural foi um espaço aberto, democrático e diversificado. Portanto, também inclusivo, pois os estudantes da UFSCar e público externo, na forma presencial, de apoio, locomoção dos estudantes dentro do movimento mobilizaram a comunidade no entorno dos *campi*, como pode ser evidenciado nas Figuras 3, 4 e 5, abaixo.

Figura 3 – Ocupa PROACE.



Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. **Ocupa PROACE**. [São Carlos], 22 de março de 2016. Facebook: ocupaufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1015486448544978>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Figura 4 – Oficina de samba rock e forró.



Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. [**Oficina de samba rock e forró**]. [São Carlos], 22 de março de 2016. Facebook: ocupaufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1015820698511553>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Figura 5 – Oficina de Mediação de Conflitos.



Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. [**Oficina de Mediação de Conflitos**]. [São Carlos], 22 de março de 2016. Facebook: ocupaufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1015820875178202>. Acesso em: 23 ago. 2021.

As formas de arte que predominaram também foram bastante diversificadas, sendo que na página do Movimento Estudantil de Ocupação (MEO) no *Facebook* estão os registros fartamente documentados. Há também as modalidades de atividades de lazer, as reuniões, as rodas de conversas, os momentos de alimentação e cuidados com as plantas, árvores e os animais que compõem o conjunto da paisagem dos *campi* da UFSCar. Nas figuras a seguir temos exemplos que evidenciam essa conclusão a que chegamos.

Figura 6 – #OcupaPROACE.



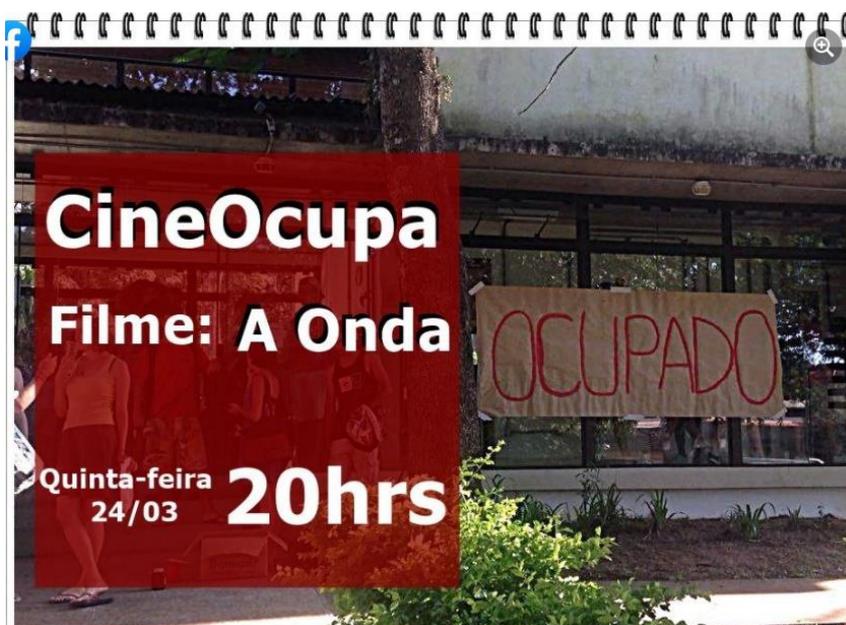
Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. [#OcupaPROACE]. [São Carlos], 22 de março de 2016.
 Facebook: ocupaufscar. Disponível em:
<https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1019860904774199>.
 Acesso em: 02 set. 2021.

Figura 7 – UFSCar faz B.O. sobre ocupação da reitoria: 'prejuízos financeiros e de funcionamento'.



Fonte: G1 São Carlos e Araraquara. UFSCar faz B.O. sobre ocupação da reitoria: 'prejuízos financeiros e de funcionamento'. [São Carlos], 10 de maio de 2018. Disponível em:
<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/ufscar-faz-bo-sobre-ocupacao-da-reitoria-prejuizos-financeiros-e-de-funcionamento.ghtml>. Acesso em: 02 set. 2021.

Figura 8 – CineOcupa.



Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. **CineOCUPA**. [São Carlos], 29 de março de 2016. Facebook: ocupaufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1023148774445412>. Acesso em: 02 set. 2021.

Figura 9 – Na Ocupa tem misturas: veganas e vegetarianas, além de carne.



Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. **Na Ocupa tem misturas: veganas e vegetarianas, além de carne**. [São Carlos], 29 de março de 2016. Facebook: ocupaufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1019846754775614>. Acesso em: 02 set. 2021.

Figura 10 – Slackline.



Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. **Slackline**. [São Carlos], 26 de março de 2016. Facebook: ocupaufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1019887794771510>. Acesso em: 02 set. 2021.

No dia dois de junho de 2018, os estudantes que participaram do Movimento de Ocupação do *campus* de Sorocaba divulgam nas redes sociais o clipe oficial com a música do movimento, o *Rap* “Ocupado”, no qual relatam os acontecimentos mais marcantes, como também contextualizam a situação em seu aspecto mais abrangente: o desmonte da educação pública.

OCUPADO

Não é errado

Estar aqui paralisado

Esse aumento abusivo é um plano orquestrado

No desmonte do ensino

Golpe, vem a galope

No desmonte do ensino atingiram minha fome

Quando descobri, quando soube do RU (sigla)

Eu não pude resistir, disse: vai tomar no **
Num planfeto bonitinho, tudo bem explicadinho
No pique sorocabano o preço tá aumentando
E uns bacanas, assim sem sem massege
Aprovaram esse aumento, sem aluno no Coad (sigla)
Shiiii, isso aí num pode não
Uma galera corajosa, iniciou a ocupação
Houve reintegração, ói que fita
Um salve pra São Carlos, pros manos e pras minas
Eu coleí, um pouco atrasado eu cheguei
Cheguei junto na função, pra somar
Eu falei: Dona Wanda, na boa, queremos o Consuni (sigla)
O processo foi errado, por que ninguém assumi?
Blábláblá, não dá, paciência
Desligou na nossa cara, lá na videoconferência
Então, enquanto o Consuni (sigla) não estiver marcado
Não adianta ligar: o prédio tá ocupado!

O Movimento de Ocupação também contou com extensa produção artística visual, em forma de faixas, cartazes e banners, confeccionados pelos próprios estudantes:

Figura 11 – Produção de cartazes, banner e faixas



Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. **Slackline**. [São Carlos], 26 de março de 2016. Facebook: ocupaufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1019887794771510>. Acesso em: 24 maio 2022.

E finalmente, o MEO se encerra a partir do momento em que a reitoria cumpre o prometido e agenda a reunião do Conselho Universitário com participação dos estudantes. O MEO afirma com toda a convicção que o que está em jogo é a permanência de muitos estudantes na universidade, como também comprova que a questão é a violação de direito à alimentação dos alunos e alunas que muitas vezes tem estas refeições como as únicas que têm condições de pagar. E por último, uma postagem do MEO que, apesar de poucas palavras, reflete a realidade dos estudantes.

Figura 12 – “Não somos apenas um número”



Fonte: OCUPAÇÃO UFSCar. **Não somos apenas um número**. [São Carlos], 27 de março de 2016. Facebook: ocupaufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufscar/photos/a.1014815715278718/1020788488014774>. Acesso em: 02 set. 2021.

Para quem fez parte do movimento, é notório o apoio dos professores. Em carta aberta à comunidade da UFSCar (ANEXO 1) o total de 319 docentes assinaram a carta e nela reitera sobre os acontecimentos vivenciados com o objetivo de apresentar o peculiar ângulo de observação docente. E através desse documento, vem a ajuda necessária no sentido de pontuar no tempo e no espaço os marcos iniciais que culminaram no MEO e os mecanismos ocultos para invalidar o mesmo e justificar as atitudes truculentas e arbitrárias.

Como informam os docentes, o Conselho de Administração (CoAd) de forma autônoma deliberou o aumento no custo das refeições do RU. É, portanto, a partir da carta aberta à comunidade da UFSCar que os estudantes têm respaldos importantíssimos contra a postura do CoAd na tomada de decisão de ajustar o valor das refeições do RU, sem consultar os estudantes. Na carta, os docentes expõem que:

É inadmissível que uma decisão dessa magnitude tenha sido tomada sem a participação da principal categoria afetada. Dado o início da crise estabelecido já na reunião do dia 16 de março, a gestão da universidade retomou a pauta em questão após a eleição dos representantes discentes. Promoveu reuniões para apresentar o orçamento, porém sem margem para qualquer negociação e, assim, a proposta defendida pela atual gestão seguiu intacta para deliberação do CoAd no dia 27 de abril. Cabe ressaltar que os estudantes reconheceram, a todo momento, a necessidade de haver algum aumento, mas tentaram demonstrar ao CoAd que o que estava em jogo ali era a permanência estudantil, e que deveria haver negociação. Defenderam sempre que a conta gerada pela política do atual

governo não deve ser paga por aqueles que mais precisam, por quem a universidade deveria zelar. O aumento de 122% foi então aprovado em votação, com um número importante de votos contrários, sem que tivesse sido construída uma proposta intermediária, por consenso. Assim, embora a reitoria e sua equipe venham tentando propagar a ideia de uma decisão democrática, entendemos que o que ocorreu está muito longe disso (CARTA ABERTA À COMUNIDADE DA UFSCar).

Como pode ser aferido na carta, o MEO também conta com o apoio do corpo docente da UFSCar, que contradiz a versão oficial de que houve diálogo entre as partes. Percebe-se, portanto, que as vivências democráticas são essenciais dentro das salas de aulas, como também em todo conjunto de ações de uma instituição educacional.

Obviamente, os registros que aqui se encontram são uma pequena amostra da riqueza de documentos e imagens, que contam a trajetória do MEO em 2018. Assim como a trajetória da pesquisa e seus levantamentos obtidos, que foi apresentado no capítulo três, o capítulo dois apresenta capturas espontâneas da realidade, em diversos momentos durante a ocupação. Ao analisar os dois últimos capítulos, percebemos que estes se complementam e contextualizam no sentido de evidenciar flagrantes da vida social determinantes pela consciência coletiva e que resultaram em registros históricos, confirmando a caracterização dos dados apresentados.

Como expõe Chagas (2013, p. 60), “[...] a produção e reprodução dos meios necessários à vida, à sobrevivência humana, que envolve tanto produção de bens materiais quanto de bens imateriais, produção de objetividade e subjetividade, de elementos objetivos e subjetivos”, faz com que o sujeito histórico se sobreponha sobre os interesses econômicos. Por conseguinte, através do viés de contextualização mais abrangente destes sujeitos históricos, que como seres sociais superam as adversidades, apresentamos a análise dos dados obtidos pelo formulário, no que tange ao retorno obtido das questões abertas.

5. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DOS FORMULÁRIOS ELETRÔNICOS

A arte como uma das formas da Cultura, costuma ser designada de forma bastante ampla e, às vezes, confundidas ou até mesmo consideradas com o mesmo sentido, como já destacado anteriormente. Contudo, sob o ponto de vista do materialismo histórico e dialético, os conceitos sobre Cultura e Arte são bastante distintos, apesar de interrelacionados, e tem muitas implicações. Para a presente produção, entendemos a arte como parte constituinte da cultura que, por vez, é entendida como transformação da natureza através da ação humana. Portanto, na análise das questões abertas, buscou-se evidenciar se, para os estudantes que participaram do movimento de ocupação a arte foi resultado da coesão social e histórica dentro do movimento. Ou seja, buscamos evidenciar o sentido da manifestação artística.

Foram respondidos nove formulários e as respostas invariavelmente realçam os aspectos subjetivos da arte. Vejamos o que relatou o respondente do formulário E4:

A arte, em linhas gerais, é capaz de trazer sentimentos que não identificamos conscientemente para o concreto. Ela materializa dores, alegrias de tal forma que criamos um canal de comunicação comum e às vezes coletivo. A arte é uma forma de comunicar ao mundo os sentimentos mergulhados dentro de eventos marcantes ou aquilo que se sente e talvez não sente fácil colocar em palavras. Eu diria que *Guernica* é um bom exemplo já que não presenciei a ocupação.

Contudo, também encontramos relatos que dão importância política à utilização da arte no movimento de ocupação do *campus* da UFSCar-So. Vejamos o relato de E7:

A arte é uma forma importante de expressar politicamente pensamentos e emoções. Durante a ocupação, foi uma forma diferente de dialogar sobre as demandas dos estudantes, por exemplo, no sarau cultural foi apresentado o rap da ocupação e isso ajudou a divulgar a reivindicação contra o aumento do RU (Restaurante Universitário) nas redes sociais.

Uma das respondentes relatou que:

Quando falamos de política e questões sociais no geral, podemos ter dificuldade em evitar palavras medonhas e complicadas típicas da academia (academicistas). A arte peita, derruba e lava essa barreira. A gente consegue, pela arte, falar tudo que há de errado e mais um pouco numa linguagem que todo mundo vai sentir, entender e saber passar qual é a real, a situação que acontece. Além de deixar um registro histórico de tudo que aconteceu.

Outra tendência sobre a utilização da arte no movimento de ocupação da UFSCar-So se direciona para o plano social:

A arte tem função social tão forte quanto qualquer outra fermenta de luta e protesto. Foi através dela que historicamente muitos movimentos se expressaram. Seja como lambe-lambe, com cartazes ou como trazer reflexões dentro do próprio movimento. Arte não se resume a fazer desenho.

5.1 GUERNICA DE PABLO PICASSO

No contexto da pesquisa, a obra *Guernica* do pintor espanhol Pablo Picasso foi citada por uma estudante do curso de Pedagogia da UFSCar-So, durante a fase inicial da presente pesquisa. Apesar de ser uma única citação, é bastante significativo o exemplo dado pela estudante, porquanto a obra de Picasso foi transformada de uma produção artística sob encomenda, para um ato de protesto para chamar a atenção sobre um momento histórico em tempo real, de atrocidades contra a população civil.

Figura 13 – Guernica



Fonte: PICASSO, Pablo. **Guernica**. 1937. 1 gravura. Madri, Espanha. Disponível em: <https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/guernica>. Acesso em: 18 set. 2021.

Segundo os historiadores da Arte Imbrosi e Martins (2021), *Guernica* é uma pintura severa, monocromática e adequada ao tema. Representava os ataques aéreos da capital da região basca, no dia da feira da cidade, 26 de abril de 1937. Em plena luz do dia, os aviões nazistas, sob as ordens do general Franco, atacaram a cidade basca de Guernika. De seus 7000 habitantes, 1654 foram mortos e 889 feridos.

Guernica, de Picasso, foi mostrado pela primeira vez na Exposição Internacional de Paris em 1937. Foi concebido e executado com grande rapidez em seu estúdio em Paris. Picasso pretendia que seu quadro fosse uma denúncia contra as mortes que estavam destruindo a Espanha na terrível Guerra Civil (1936-1939), e contra a perpétua desumanidade do homem (IMBROSI, MARTINS, 2021, p. 156).

Ainda de acordo com Imbrosi e Martins (2021), Picasso estava engajado, política e moralmente, na causa republicana, antifascista, da Guerra Civil Espanhola. Assim, era inevitável que o quadro causasse muitas polêmicas e, como boa parte da arte moderna, o simbolismo é particular e pessoal, e só pode ser decifrado nessa base.

Outra consideração pertinente ao acontecimento histórico que serviu de motivo para Pablo Picasso pintar o quadro *Guernica* é o fato exposto por Steer (2017, p. 14),

[...] o bombardeio da cidade basca de Guernika, por si só acabou se revelando uma das maiores atrocidades praticadas no teatro beligerante, sendo agravada, pelo fato de que foi praticada por um consórcio de países, supostamente evoluídos.

Contudo, não é o foco da presente produção explicitar sobre as características da obra e/ou contexto social, político e econômico. O foco é discorrer sobre o impacto que a obra causou na época e que até os dias atuais serve como memória viva, que capturou da realidade concreta uma dada situação de terror e a transformou em obra de arte. Vale também salientar que a obra-prima de Picasso não foi uma abstração direta da realidade, mas a partir de um artigo do repórter G. L. Steer do *New York Times*, sobre os terríveis ataques aéreos sobre a cidade basca de Gernika. Foi, portanto, o fato histórico trágico e sua singularidade que serviu para a percepção do artista, de uma

Digite texto]

forma muita intensa (STEER, 2017, p. 14). O exemplo da obra serve para demonstrar, também, como as ações individuais e suas subjetivações emergem do social, levando através da arte à superação de dada realidade de opressão e injustiça.

Gois (2020, p. 201) expõe que a obra-prima de Picasso foi um pedido do governo republicano para exposição no Pavilhão Espanhol na Exposição Internacional das Artes Aplicadas à Via Moderna de 1937, realizada em Paris. É, pois, a partir da notícia do ataque e os horrores experimentados pela população civil da cidade basca de Guernika, que o pintor espanhol, que se encontrava em Paris, faz deste acontecimento a gênese para seu protesto no âmbito político, social e humanitário.

5.2 SOBRE O SENTIDO DA ARTE NA VIDA DAS PESSOAS

Nos relatos dos respondentes (ou participantes) de maneira geral não foram confundidos os aspectos do sentido de utilização da arte com os aspectos sobre a importância da arte. Contudo, muito me surpreendeu ao constatar o grau de maturidade sobre o tema nas respostas dos estudantes, como no exemplo de E1:

Assim como Oscar Wilde, digo a arte é a forma mais intensa de individualismo que o mundo conhece. Expomos nossas entranhas, os sentimentos submersos, nossas expectativas e sonhos. Nossas contradições. Há como ver um Van Gogh e não se deleitar com beleza de sua mente? Seria um homem louco ou lúcido? Apesar de individual, por sermos seres sociais, a arte enriquece o coletivo. Um grupo. Um povo. Uma nação que, através da empatia ou de um sentimento coletivo, diz ao mundo muito mais do que apenas palavras.

A maioria dos relatos quanto à importância da arte na vida das pessoas destacou sobre a subjetividade humana, sendo que o excerto que de certa forma engloba todas os relatos se sintetiza na fala a seguir: “A arte mexe com a nossa subjetividade e deve ser mais incentivada, devemos nos ver enquanto produtores de arte e a sociedade deve valorizar o trabalho de quem produz” (E4).

Um dos relatos nos convida a refletir sobre o poder catártico da arte. Mesmo sem perceber isto, porquanto nas respostas dadas pelos alunos e

alunas, não havia uma intenção deliberada em utilizar a produção para além do contexto da manifestação. Acredito que, dada à qualidade da produção em termos artísticos, caberia uma exploração maior, dentro e fora da manifestação. E4 nos apresenta suas impressões pessoais, narra sobre a importância da arte na vida das pessoas de uma maneira muito peculiar:

A arte tem a importância que você der para ela. Para alguns, não tem tanta significância, para outros importa muito. Eu particularmente vejo a arte como terapia, como forma de me expressar e pôr para fora minhas emoções e às vezes também válvula de escape. Mas isso faz parte da significância que eu dou para ela. Acredito que, ela seja sim potencializadora em inúmeros sentidos, e se não fosse importante não existiria ainda nos dias de hoje. “Tudo envolve arte, mas, nem todos compreendem a grandeza disso” (E4).

Dentre os convites aceitos para participar da pesquisa, os relatos dos dos estudantes que tiveram atuação ativa no movimento mudam de configuração, nas respostas às questões relativas à importância da agenda cultural no movimento foram mais contundentes, quando comparadas às outras questões. Por exemplo, E5 pontua que a agenda cultural foi: “[...] essencial para a continuidade da ocupação, principalmente devido às dificuldades de se manter uma luta. Porém, poderia ter sido mais bem aproveitada e ter maior participação”. Contudo, em relação à utilização e importância da arte responde: “[...] resistência e expressão do pulso de vida!”, respectivamente.

Outro aspecto muito citado nos relatos foi sobre a visibilidade do movimento de ocupação nas redes sociais; contudo, esta foi uma preocupação marcante nas respostas dos estudantes que tiveram atuação direta nas questões deliberativas do grupo que liderou o movimento de ocupação:

A programação artística foi muito importante para a visibilidade da luta contra o aumento do RU, pois aproximava mais estudantes e a comunidade a partir de diferentes formas de expressão, como o teatro sobre a questão LGBT, o sarau de poemas feito pelos alunos, as noites culturais em que participaram estudantes e artistas da cidade, etc. As atividades culturais também foram importantes para fortalecer os ocupantes na luta, porque a ocupação começou a esvaziar e as atividades culturais chamavam mais gente, animavam quem já estava lá e dava mais visibilidade nas redes sociais e mídias para as reivindicações (E5).

Dos formulários recebidos, muitos não citaram diretamente como a arte definia seu percurso na ocupação dos prédios, como também não definiam os “produtos” dessa contextualização da agenda cultural no movimento de ocupação. Contudo, um dos formulários retornou sobre a importância da utilização de uma agenda cultural dentro do movimento de ocupação com a seguinte narrativa: “[...] de expressão, comunicação e externalização das pautas reivindicadas, desde as faixas nos prédios, as artes digitais de divulgação nas redes sociais até os cartazes e composições musicais levadas as ruas de Sorocaba nos atos do movimento” (E7).

A importância da arte na vida das pessoas foi explicitada na narrativa de uma aluna como: “[...] fundamental, pois nutriram de tons, formas, sons e possíveis emoções aquilo que sentimos ao longo da própria vida, nos melhores e piores momentos dela” (E7).

Percebe-se que há referência a vários elementos estéticos das linguagens artísticas e se coloca uma dose de subjetividade nas relações entre a vida e a arte. Estes argumentos são pontuais nos vários relatos recebidos, dando a entender que a presença de uma agenda cultural no movimento de ocupação foi compreendida e vivenciada como uma extensão da própria dinâmica da vida, mediante as necessidades e possibilidades que se apresentavam.

Outra narrativa colocou a importância da arte, tal como um dos elementos mais vitais da vida do ser humano e realça também o *ser* político no centro da questão:

Tão crucial quanto o ar, ou a luz do sol. Mesmo a arte mais casual e despolitizada é política (risos) e, por isso, essencial. Nós somos políticos porque estamos sujeitos à política, independente da gente entender isso ou não. E a arte traz da forma mais sincera como nos sentimos e, assim, como nos posicionamos politicamente (E9).

Apenas dois estudantes (E8 e E9) fizeram seus relatos relacionando a arte à função social. É muito interessante observar a colocação do *lambe-lambe* como expressão artística, considerando-se a idade dos respondentes ao formulário, no mínimo, é encantador que a fotografia ambulante seja lembrada, vejamos:

A arte tem função social tão forte quanto qualquer outra ferramenta de luta e protesto. Foi através dela que historicamente muitos movimentos se expressaram. Seja com lambe-lambe, com cartazes ou para trazer reflexões dentro do próprio movimento. Arte não se resume em fazer desenho (E8).

As questões apresentadas no formulário buscavam obter clareza em relação à distinção entre utilização e importância da arte. Com isto, tornava possível averiguar se a arte estava sendo entendida como meio para facilitar imediatamente determinadas e concretas tarefas sociais.

As análises das respostas obtidas são favoráveis para interpretar que o protagonismo dos jovens durante o movimento de ocupação do *campus* da UFSCar em Sorocaba utilizou a agenda cultural cientes da capacidade que a arte possui para comunicar e expressar as subjetividades representadas por um coletivo de lutas e enfrentamentos. A arte é reconhecida em seu poder de operar transformações sociais e políticas na contemporaneidade. Contudo, os e as estudantes não evidenciaram, em suas respostas, a arte em seu percurso para a objetivação, e desta forma parece que avaliam o processo em si mesmo, descolado de produções representativas para o movimento de ocupação e da construção concreta dos trabalhos que foram realizados. Ou seja, não operou em sentido à catarse:

A catarse opera uma mudança momentânea na relação entre a consciência individual e o mundo, fazendo com que o indivíduo veja o mundo de maneira diferente daquela própria ao pragmatismo e ao imediatismo da vida cotidiana. Por meio dessa momentânea suspensão da vida cotidiana, a arte exerce efeito formativo sobre o indivíduo, efeito esse que terá repercussões na vida (DUARTE, 2016, p. 152).

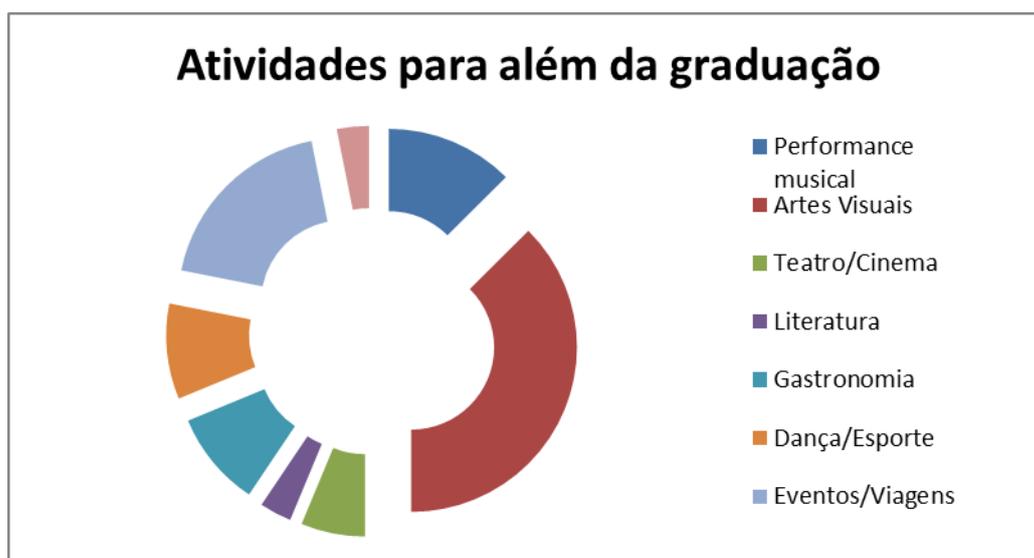
A catarse se direciona no sentido de tornar coletiva a subjetividade, e através de dada intencionalidade, não ocorre por ao acaso. Aliás, a catarse opera como um ato de culminância no conjunto de ações humanas conscientes, como expõe Saviani (2008, p. 57): “[...] trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social”. Portanto, é necessário negar o sentido da arte “[...] como se a arte existisse para facilitar imediatamente determinadas e

concretas tarefas sociais” (DUARTE, 2016, p. 153). Em outro artigo mais recente, Duarte (2019, p. 6) expõe que a catarse opera “[...] uma transformação profunda das relações entre seres humanos e a realidade social”.

5.3 SOBRE OS INTERESSES PARA ALÉM DA GRADUAÇÃO: BOURDIEU E O CAPITAL CULTURAL

Uma das questões do formulário buscava identificar quais os outros interesses dos estudantes para além dos compromissos acadêmicos. Foram catalogadas vinte atividades e, em posterior etapa foram identificadas, dessas atividades, quais as mais citadas pelos estudantes, conforme mostra o gráfico que segue:

Gráfico 9 – Atividades para além da graduação



Fonte: elaborado pela própria autora com base nos dados do formulário.

Em relação às atividades extracurriculares às quais os estudantes se dedicavam, os nove mencionaram mais de duas atividades, pois se tratava de questão aberta. Conforme apresentado no gráfico acima, as atividades mais mencionadas pela totalidade dos estudantes foram: performance musical instrumental (4); desenho (4); gastronomia (3); Exposições (3); Esportes (2); Grafite (2); Viagens (2); Fotografia (2) e Eventos Culturais (2). As demais

atividades não se estendem à totalidade dos respondentes, obtiveram apenas uma citação.

Podemos perceber que os estudantes narraram engajamento, militância, ativismo, interesses diversificados e compromettimentos abrangentes em variados contextos culturais, políticos e sociais na cotidianidade, o que nos remete ao conceito de capital cultural.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930 - 2002) cunhou o conceito *capital cultural* para este conjunto de saberes, vivências e conhecimentos em relação à apropriação da cultura, da qual o indivíduo tem acesso. Vale salientar que este conjunto de saberes do capital cultural já vem mesmo antes de adentrar na educação formal, sendo uma espécie de herança obtida das oportunidades de vivências em relação à apropriação da cultura, que o próprio meio social do indivíduo disponibiliza. Importante salientar que a cultura provoca certo impacto que, por sua vez, proporcionará novas transformações, que conseqüentemente expandirá no sujeito novas funções biológicas. O capital cultural, portanto, serve como vantagem inicial para perpetuação das desigualdades e, obviamente, leva ao fracasso escolar quem não possui acesso à cultura como patrimônio, responsabilidade do Estado democrático. Impacto da cultura para as transformações nas funções biológicas ou naturais (PINO, 2005)

Nesse sentido, Duarte (2014, p. 164) defende que “[...] o direito à cultura, o acesso a bens imateriais é vital ao homem para a produção da sua cultura e para o próprio processo de humanização”. Portanto, ao assumir a importância do acesso à cultura e a condição de vivenciá-la das mais variadas formas, os estudantes, mesmo de forma inconsciente, se humanizam. Este decurso de humanização, entendido como:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 249).

Evidentemente, notamos que o protagonismo estudantil no conjunto do seu ativismo político tem relação com a apropriação cultural por parte dos estudantes que promoveram e sustentaram o movimento de ocupação no *campus* de Sorocaba. Evidencia-se que o protagonismo estudantil é intencionalmente articulado às demandas que viabilizaram a permanência dos estudantes. Portanto, não se trata apenas de garantir a vaga por cotas raciais ou por baixa renda, mas garantir as condições mínimas necessárias para que os estudantes avancem em suas trajetórias acadêmicas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o final de 2015 e o início de 2016, centenas de escolas públicas foram ocupadas no estado de São Paulo, pelos próprios estudantes. As ocupações das escolas públicas fazem parte de uma modalidade de ação coletiva, que teve que teve como marco histórico a ocupação dos estudantes na Universidade de Córdoba, na Argentina, em 1918. Outro momento significativo foi nos Estados Unidos com *Occupy Wall Street (OWS)*, movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social e a ganância, no ano de 2011. No Brasil o movimento de ocupação foi feito nas escolas, um acontecimento inédito na nossa história. Corti, Corrochano e Silva (2016, p. 1160) relatam que:

Como reação à medida oficial de reorganizar a rede de escolas, fechando 94 unidades e remanejando alunos de outras 754, com enorme impacto na vida de estudantes, familiares e professores, um conjunto de estudantes da rede estadual deflagrou um processo de ocupação dos prédios escolares. No dia 9 de novembro de 2015, estudantes da Escola Estadual Diadema fizeram a primeira ocupação. No dia seguinte foi a vez da Escola Estadual Fernão Dias. Depois de um mês de mobilizações de rua, abaixo-assinados, tentativas de diálogo com diretorias de ensino e com o governo, e sem obter resultados, os estudantes optaram por uma estratégia inusitada de ação direta que logo se espalhou por todo o estado. No final de 2015, foram contabilizadas mais de 200 escolas estaduais ocupadas.

No ano de 2018 os estudantes da Universidade Federal de São Carlos, também no estado de São Paulo, em todos os *campi* aderiram à modalidade do movimento de ocupação em reação ao aumento abusivo no valor das refeições dos Restaurantes Universitários.

As lideranças do movimento de ocupação, inicialmente buscavam o diálogo com a reitoria e o apoio dos professores e alunos, mas a paralização das atividades acadêmicas só aconteceu depois que as entradas dos prédios e salas de aulas foram bloqueadas e os estudantes do movimento ocuparam as suas dependências.

Não podemos afirmar que não houve conflito, enquanto ocorriam as negociações por parte dos alunos e da reitoria. No *campus* de São Carlos, por

exemplo, a polícia militar foi acionada para prover a desocupação das dependências do *campus*, através de forças coercitivas, que resultou na condenação judicial de alguns estudantes. No *campus* de Sorocaba, os estudantes enfrentaram desafios como baixas temperaturas à noite e com recursos limitados, recorrendo aos grupos de *Whatsapp* de todos os cursos e de contatos pessoais solicitando apoio.

Antes de ser deflagrado o movimento, houve uma intensa movimentação pelas redes sociais e nos grupos de *Whatsapp*, visando a gestão do movimento no cotidiano das ocupações, para realização de tarefas como alimentação, segurança, limpeza, relações externas e informação. É nesse contexto que é amplamente divulgada uma agenda cultural do movimento de ocupação e a criação de espaços para as performances participativas, como também ocorriam atividades artísticas nas dependências dos prédios de aulas.

É inegável a contribuição da *internet* para a consolidação dos movimentos de ocupação. É nessa trajetória que nos deparamos com um novo paradigma, que surgiu a partir dos estudos do filósofo francês Pierre Lévy (LÉVY, 2000): a *cibercultura*. Nessa nova realidade, o virtual toma a forma de potencializador das interações coletivas e, com isso, novas demandas que causaram impactos diretos no movimento. Não é possível medir, mas o impacto das novas formas de informação e comunicação conduziram os movimentos de ocupação para uma categoria de prática social nunca vista antes.

Como afirma Duarte (2019, p. 23), “[...] existe algo na prática social que pode ser explicado com o conceito de *catarse*, não desconsiderando as dificuldades decorrentes da existência de conceituações muito díspares e conflitantes umas com as outras”.

Evidencia-se que para os estudantes que responderam ao formulário, o sentido da arte como *catarse* não se atribui de forma consciente. Contudo, como pode ser verificado na composição do Rap “Ocupação”, está explícito o que caracteriza a *catarse* na arte: a culminância representada por uma produção artística autêntica e original. A autenticidade deu-se pela abordagem contida na letra do *Rap* que reproduz fidedignamente a situação vivenciada, e originalidade porque se tratou de uma produção coletiva, em que cada verso é particularizado com a contribuição de vários estudantes, mas não se perde do

contexto coletivo e do sentido da letra. Dessa forma, se descaracterizada os sentidos atribuídos à arte como entretenimento vazio e despojado de propósitos.

A utilização de uma agenda cultural trouxe sentido e coesão ao movimento e também visibilidade. Percebe-se, que através das redes sociais, principalmente a página do *Facebook* do movimento estudantil de ocupação, há uma intensa adesão e postagens dos estudantes, tanto do movimento quanto dos demais segmentos da universidade. Há registros fotográficos com pais, crianças e demais membros familiares e amigos acompanhando de perto as palestras dadas pelos estudantes.

Ainda a destacar, dentro do próprio movimento estudantil de ocupação, foi determinada uma equipe que cuidaria exclusivamente dos registros e acompanhamento diários pelas redes sociais. Ou seja, são capturas de momentos vivenciados da realidade nos espaços de ocupação. Nesse sentido, é exposto na página do *Facebook* que a intensão é deixar registrado e documentado todo o processo, para que no futuro sirva de parâmetros para as mais variadas situações que ameacem os direitos e garantias de permanência estudantil, ou qualquer outra demanda que necessite de utilização dos mesmos meios de intervenções.

É nesse sentido, também, que esta produção se encaminha. Há no devir da existência humana a necessidade de continuarmos as lutas por garantias de melhores condições de vida, de crescimento como produto e processo rumo à humanização através do direito a educação de qualidade. Mas não precisamos, necessariamente, partir do marco zero, pois a ação como coletividade deixa marcas que assinalam nossa passagem histórica em nossa memória coletiva. Encontramos, pois, na arte, uma das formas mais perfeitas e eficazes para perpetuar a nossa marca rumo à posteridade. Tanto quanto, usufruímos de exemplos de lutas históricas do passado, que contribuíram decididamente para o que na atualidade nós somos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. M.; CASTRO, C. L. de C.; PEREIRA, J. R. Cidadania ou “estadania” na gestão pública brasileira? **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, p. 177-190, jan./fev. 2012.
- ARAGÃO, B. G. de. **Alienação ou emancipação**: a educação e o seu papel na sociedade. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/BRUNAGURGELDEARAGO.pdf>. Acesso em: 17 de maio 2022.
- BRANDÃO. C. R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHAGAS, E. F. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. **Revista Trans/Form/Ação**. Marília, v. 36, n. 2, maio/ago, 2013.
- CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHAUÍ, M. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación**: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, año 1, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: 18 de jun 2022.
- CHAUÍ, M. Uma opção radical e moderna: democracia cultural. *In*: RUBIM, A. (org.). **Política cultural e gestão democrática no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- CORTI, A. P. de O.; CORROCHANO, M. C.; SILVA, J. A. da. Ocupar e resistir: a insurreição dos estudantes paulistas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 137, p.1159-1176, out./dez., 2016.
- COTRIM, A. Marx e a épica. **Communicare**: revista de pesquisa do Centro Interdisciplinar de Pesquisa, São Paulo, v. 12, n. 2, 2012.
- DUARTE, N. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 79-115, 2000.

DUARTE, N. A catarse na didática da pedagogia histórico-crítica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, 2019.

FARIA, I.; PITANO, S. de C. Contribuições teóricas acerca do termo cultura e suas vinculações na perspectiva da proposta freiriana. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS, 7., e COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E ENSINO DE GEOGRAFIA, 1., 2011, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas, RS: UFPel, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1959.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GOIS, L. F. da C. V. de. **Guernica de Picasso**: arte política e guerra. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. [Rio de Janeiro], 12 de novembro de 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ICRC (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS). **Convention (I) for the amelioration of the condition of the wounded and sick in armed forces in the field**. Geneva, 12 August 1949. Disponível em: <http://www.icrc.org/ihl.nsf/WebART/150110001?OpenDocument>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ICRC (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS). **Convention (IV) respecting the Laws and Customs of War on Land and its annex: Regulations concerning the Laws and Customs of War on Land**. The Hague, 18 October 1907. Disponível em: <http://www.icrc.org/ihl.nsf/intro/195?OpenDocument>. Acesso em: 23 dez. 2016.

IMBROISI, M.; MARTINS, S. **Guernica, Picasso**. História das Artes, 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/guernica-picasso/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

IPHAN. **Instrumentos de salvaguarda**. [2004]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/418>. Acesso em: 18 jul. 2021.

- LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 1978.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MARCUSE, H. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MARINO, A. Desafios à gestão pública da cultura: o "Sistema" e o sistema. **Revista Extraprensa**, São Paulo, ano VI, n. 10, p. 150-158, jun. 2012.
- MARKUS, G. **Teoria do conhecimento no jovem Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- MARX, K. **Trabalho estranhado e propriedade privada**. In: MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 79-90.
- PEREIRA, J. R. Entre a gestão pública e a gestão social de bens culturais no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Administração Pública**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 41-54. jul./dez. 2011.
- PINO, A. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.
- RUBIM, A. (org.). **Política cultural e gestão democrática no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Ed. Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.
- STEER, G. L. **A árvore de Gernika**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- THOMPSON, E. P. As peculiaridades dos ingleses. In.: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (org.). **E. P. Thompson**: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998. (Coleção Textos Didáticos, n. 10, v. 1).
- VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas, IV**. Madrid, Espanha: Centro de Publicaciones del M.E.C.; Visor Distribuciones, 1996.

ANEXO 01

CARTA ABERTA À COMUNIDADE DA UFSCar

Vimos a público esclarecer alguns fatos importantes que dizem respeito aos últimos acontecimentos na UFSCar. O objetivo desta carta é apresentar à comunidade uma versão dos fatos construída coletivamente pelos docentes que têm acompanhado de perto tais acontecimentos. A crise que culminou com o pedido de reintegração de posse do edifício da Reitoria e Anexo, no dia 11 de maio, teve início dois meses antes. Em março, o Conselho de Administração (CoAd), composto por diversos membros da atual gestão, tomou a decisão de deliberar sobre o aumento no custo das refeições servidas pelos Restaurantes Universitários da UFSCar. Isso ocorreu mesmo sem a presença dos representantes discentes, tendo em vista que o processo eleitoral para a escolha desses representantes estava, ainda, em curso. É inadmissível que uma decisão dessa magnitude tenha sido tomada sem a participação da principal categoria afetada. Dado o início da crise estabelecido já na reunião do dia 16 de março, a gestão da universidade retomou a pauta em questão após a eleição dos representantes discentes. Promoveu reuniões para apresentar o orçamento, porém sem margem para qualquer negociação e, assim, a proposta defendida pela atual gestão seguiu intacta para deliberação do CoAd no dia 27 de abril. Cabe ressaltar que os estudantes reconheceram, a todo momento, a necessidade de haver algum aumento, mas tentaram demonstrar ao CoAd que o que estava em jogo ali era a permanência estudantil, e que deveria haver negociação. Defenderam sempre que a conta gerada pela política do atual governo não deve ser paga por aqueles que mais precisam, por quem a universidade deveria zelar. O aumento de 122% foi então aprovado em votação, com um número importante de votos contrários, sem que tivesse sido construída uma proposta intermediária, por consenso. Assim, embora a reitoria e sua equipe venham tentando propagar a ideia de uma decisão democrática, entendemos que o que ocorreu está muito longe disso. Com o aumento aprovado para implementação a partir do dia 7 de maio, os estudantes se valeram do direito à manifestação para forçar a negociação com a gestão da universidade. Tendo em vista o perfil autoritário e autocrático da atual equipe,

os estudantes ocuparam o edifício da reitoria em São Carlos e outros edifícios no campus Sorocaba, na semana em que o aumento entrou em vigência, na tentativa de estabelecer diálogo para que o aumento no custo das refeições fosse revisto. O que assistimos a partir de então foi um espetáculo de atrocidades por parte da administração da UFSCar. Sem que houvesse diálogo, a administração solicitou, em nome da UFSCar (de acordo com nota do dia 11/05), a reintegração de posse do edifício da reitoria – o que poderia requerer força policial e exporia, sobremaneira, a integridade física dos estudantes, criminalizando nominalmente aqueles que estavam ali pedindo para serem ouvidos. Assim, sete estudantes da universidade foram transformados em réus em um processo que segue correndo na Justiça Federal, sem que a reivindicação dos estudantes tenha sido escutada pela gestão. Enquanto esses abusos ocorriam no campus São Carlos, a ocupação no campus Sorocaba foi mantida pelos estudantes, reiterando a posição do movimento estudantil em buscar diálogo com a gestão da universidade. Para justificar o corrido, a gestão da UFSCar divulga diversas notas à comunidade falando em nome da instituição. É inadmissível que uma gestão administrativa fale em nome da instituição sem que essa tenha sido consultada, em especial quando se trata de ações graves e de excepcionalidade, como substituir o diálogo democrático pela entrada da polícia num campus universitário. Ao longo desta semana, todas as reuniões dos Conselhos Superiores – o Conselho de Graduação, o Conselho de Pesquisa e o Conselho de Extensão – foram canceladas sem maiores explicações ou com a justificativa equivocada de que ocupação em Sorocaba impossibilitava a realização das reuniões. Frente a todos esses excessos, 34 membros do Conselho Universitário (ConsUni) protocolaram na Secretaria dos Órgãos Colegiados (SOC), no último dia 16 de maio, quarta-feira, um pedido de convocação de Reunião Extraordinária, nos termos do Regimento desse Conselho (Artigo 25. O ConsUni reunir-se-á, ordinariamente, uma vez a cada dois meses e extraordinariamente sempre que necessário, por convocação da Presidência, por iniciativa própria, ou por solicitação formal subscrita pela maioria absoluta de seus membros.), com o entendimento de que “o Órgão Máximo da Instituição deve assumir o protagonismo na discussão da pauta apresentada pelo Movimento Estudantil a fim de controlar a crise estabelecida desde a

implementação do reajuste no custo das refeições servidas pelos RU da UFSCar.”. A discussão do assunto no ConsUni foi demandada insistentemente pelos alunos e negada, na mesma medida, pela gestão. Frente à possibilidade de Reunião do ConsUni para tratar da pauta dos estudantes, o movimento em Sorocaba desocupou alguns edifícios administrativos e as salas de docentes. Ressaltamos que essa concessão por parte dos alunos ocorreu frente ao posicionamento dos conselheiros que solicitaram a reunião. Solicitação essa que não foi atendida pela Presidência do ConsUni até o momento, a despeito da urgência e da excepcionalidade da demanda. Frente a esse relato, acompanhamos com surpresa mais uma nota da reitoria informando que tem realizado reuniões com os estudantes de Sorocaba e dando a entender que, em função disso, parte dos prédios foram desocupados. Assim, chamamos a atenção da comunidade para os relatos enviados apresentados pela atual gestão da UFSCar. Hoje estamos lidando com um problema que afeta diretamente os alunos, mas o que figura como pano de fundo neste cenário é a democracia, a autonomia universitária, a diversidade, a liberdade de pensamento e de expressão. Situação ainda mais grave quando pensamos em um ambiente de papel formador como a universidade. Convidamos, finalmente, a comunidade UFSCar a mobilizar-se contra tamanhos excessos. Finalmente, esclarecemos que estamos divulgando esta carta hoje, dia 18 de maio de 2018, às 18h10, exatamente uma semana após os eventos lamentáveis da semana passada, como forma de manter viva a memória dos excessos cometidos pela atual gestão e também com a certeza de que é no diálogo e no debate que nossa universidade poderá sair deste impasse e retomar a trajetória democrática que a caracterizava até aqui.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Sobre a necessidade da arte

mercciamathias@gmail.com [Alternar conta](#) 

 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Conte um pouco sobre a sua trajetória de vida até o ingresso na UFSCar-So. *

Sua resposta

2. Quais são seus outros interesses além dos estudos? *

Sua resposta

3. Qual a modalidade de ingresso na UFSCar-So? *

Sua resposta

4. Qual o seu vínculo com os movimentos coletivos da UFSCar-So? *

Sua resposta

5. Qual a sua atuação no movimento de ocupação da UFSCar-So em 2018? *

Sua resposta

6. Em sua opinião qual o impacto do aumento das refeições do RU no orçamento dos estudantes? *

Sua resposta

7. Qual sua opinião em relação à oferta do café da manhã no RU? *

Sua resposta

8. Como você avalia a programação artística durante a ocupação da UFSCar-So em 2018? *

Sua resposta

9. Qual o sentido de utilização da arte no contexto do movimento de ocupação? *

Sua resposta

10. Em sua opinião qual a importância da arte na vida das pessoas? *

Sua resposta

Próxima

Limpar formulário

Sobre a necessidade da arte

mercciamathias@gmail.com [Alternar conta](#)



Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Conte um pouco sobre a sua trajetória de vida até o ingresso na UFSCar-So. *

Sua resposta

Esta pergunta é obrigatória

2. Quais são seus outros interesses além dos estudos? *

Sua resposta

4. Qual o seu vínculo com os movimentos coletivos da UFSCar-So? *

Sua resposta

5. Qual a sua atuação no movimento de ocupação da UFSCar-So em 2018? *

Sua resposta

6. Em sua opinião qual o impacto do aumento das refeições do RU no orçamento *
dos estudantes?

Sua resposta

7. Qual sua opinião em relação à oferta do café da manhã no RU? *

Sua resposta

8. Como você avalia a programação artística durante a ocupação da UFSCar-So *
em 2018?

Sua resposta

9. Qual o sentido de utilização da arte no contexto do movimento de ocupação? *

Sua resposta

10. Em sua opinião qual a importância da arte na vida das pessoas? *

Sua resposta

Próxima

Limpar formulário